



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Mestre Graça

No fim da década de 1970, com as grandes esperanças da redemocratização, a minha amiga Valéria Velasco me contratou para registrar depoimentos de grandes jornalistas para um suplemento da Fenaj - Federação Nacional de Jornalistas. Eu me lembro que conversei com Zuenir Ventura, Alberto Dines e Tarso de Castro, entre outros.

Marquei com Tarso na casa dele em Santa Teresa, às 9h. Não conhecia o Rio de Janeiro, tive dificuldade para chegar lá, bati na porta umas quatro vezes e ninguém atendeu. Quando eu ia embora, Tarso abriu a porta e apareceu com uma cara

de sono e de ressaca. Expliquei que havia marcado uma entrevista e ele estranhou, mas de uma maneira muito bem-humorada: "Você tem certeza que marcou uma entrevista comigo?" Respondi que sim, e ele replicou: "Então, deve ser verdade, pois confio mais em você do que em mim. Dá um tempinho para eu botar uma água na cara e limpar essa ressaca".

Tive menos sorte com outro escolhido para entrevista: Joel Silveira, considerado o melhor repórter da imprensa brasileira por Manuel Bandeira. Liguei, e ele me recebeu de maneira um tanto ríspida e mal-humorada, mas pediu que eu retornasse no outro dia. Não retornei e deixei de fazer a entrevista porque desobedecei a um preceito do próprio Joel: repórter não pode ter medo de ser insistente ou chato.

Eu acabo de me reencontrar com Joel Silveira ao ler a alentada autobiografia

Na fogueira (D.Mauad), um catarpácio de 650 páginas, mas devorado com prazer, pois ele escreve muito bem. No livro, ele reconstituiu os primeiros anos da vida de jornalista iniciante no Rio de Janeiro, em meio ao horror da ditadura de Getúlio Vargas. No entanto, peço licença para fazer o recorte do encontro do jovem Joel Silveira com o cabra alagoano Graciliano Ramos.

Com dinheiro escasso, sobrevivendo de biscates jornalísticos e morando em pensões precárias, Joel recebeu a missão de entrevistar o escritor famoso. E não deu trégua a Graciliano. Era uma questão de vida ou morte. Mestre Graça escorregava. No entanto, as conversas eram muito interessantes. Depois de folhear um livro, Graciliano observou: "Este cavalheiro pensa que escreve. Não escreve, escrevinha".

Graciliano entendia que os escritores teriam de aprender o ofício com as

lavadeiras de Alagoas. Elas começam com uma primeira lavada. Molham roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Depois, batem o pano na laje ou na pedra limpa e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal para secar: "Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa", dizia Graciliano: "A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso, a palavra foi feita para dizer".

Certa vez, Joel escreveu um conto que julgou estar muito bom, encheu-se de coragem, mostrou para Graciliano e pediu opinião. Depois da leitura, que pareceu terrivelmente lenta a Joel, Graciliano não disse uma só palavra. Rasgou as laudas, uma por uma, metodicamente, até tudo se

reduzir a quadrados e triângulos. Joel entrou em desespero, pois aquela era a única versão do texto.

Sem se incomodar com o óbvio desconforto do autor, Graciliano sugeriu que fossem tomar um café em um bar chamado Mourisco. Falaram de assuntos variados, mas o mestre Graça nem tocou no assunto. Joel ficou traumatizado por alguns dias e não procurou mais Graciliano. Mas, depois, esqueceu a tragédia e perguntou: "Aquele conto que você destruiu com tanto furor, lembra-se?" Ao que Graciliano respondeu: "Claro que lembro" "Era tão ruim assim?"

E Graciliano não se intimidou: "Uma porcaria. Tinha gerúndio demais. Gerúndio só quando absolutamente necessário. Dos supérfluos a gente deve fugir como o diabo da cruz". E Joel arremata: "No caso de Graciliano Ramos — e ainda hoje penso assim — o gerúndio é que fugia (foge) dele".

ECONOMIA / Lojistas e consumidores se planejam para o período mais frio do ano. O mercado está otimista e prevê aumento de 4,2% nas vendas. Especialistas comentam estratégias para não ter prejuízos

Comércio se prepara para o frio

» LUIZ FELLIPE ALVES

Foto Luiz Felipe Alves/CB/DA Press



Com manhãs e noites começando a esfriar no Distrito Federal, comerciantes preparam os estoques para aquecer os clientes e estão otimistas para as vendas deste ano. Nas vitrines e araras das lojas, é possível encontrar peças para aquecer o inverno. Entre as mais comuns, estão os casacos, moletoms, toucas, cachecóis e luvas. Segundo o Sindicato do Comércio Varejista do DF (Sindivarejista-DF), a expectativa de crescimento neste ano é de 4,2%. No ano passado, os produtos mais procurados foram os tradicionais gorros, meias de lã, cobertores, bonés e luvas. Neste ano, a versatilidade pode dar o tom.

"Os lojistas estão investindo em peças flexíveis, ou seja, que podem ser usadas em mais de uma estação. Itens de sobreposição também estão vendendo bastante", explica Sebastião Abritta, presidente do Sindivarejista. Ele explica que, devido à imprevisibilidade das temperaturas na capital, os vendedores se adaptam. "O foco é, justamente, essa versatilidade. Mas o nosso comércio está muito bem preparado para a frente fria", acrescenta.

Apesar do otimismo, há motivos para a cautela com o período. Para o presidente, a alta dos combustíveis é um dos motivos, mas ele afirma que o crescimento do varejo em 1,7% mantém alto o ânimo dos comerciantes. "Existe, sim, uma cautela, mas esse período do ano sempre vende bem. Todos os comerciantes que a gente conversou estão com estoques preparados e diversos, oferecendo muitas opções para os clientes", disse.

Entre as peças mais procuradas, estão casacos, moletoms, toucas, cachecóis e luvas

O professor e coordenador em gestão de negócios, Lindomar Miranda, explica que o frio em Brasília sempre é um gatilho de negócios. Entretanto, ele afirma que o efeito é mais psicológico do que climático. "Não falamos de temperaturas extremas como as do Sul do país. O que aciona o desejo de compra é a percepção da mudança de estação: a primeira manhã mais fria, os comentários nas redes sociais e a cena do casaco na vitrine proporcionam isso", explica.

Para o especialista, o ideal não é esperar um "sinal claro", uma vez que isso pode fazer o empresário perder a janela de oportunidade.

"Observar o comportamento do consumidor nas primeiras oscilações de temperatura, e não o calendário, é o melhor termômetro para agir", aconselha.

Antecipação

A Feira dos Goianos, em Taguatinga, já está recheada de opções. O trabalho, que terá um grande retorno neste meio de ano, começou bem cedo. A lojista Tina Pilcomayo começou a montar o estoque ainda no início de 2026. "Deixo tudo organizado, esperando o inverno chegar".

Para a lojista, um estoque previamente preparado é importante por

Foto Luiz Felipe Alves/CB/DA Press



Tina Pilcomayo e Sara da Silva prepararam o estoque em janeiro

diversos motivos, entre eles movimentar o comércio para clientes em outros estados. "Eu tenho clientes no Rio Grande do Sul. Lá, o frio é maior e acontece em uma época diferente", afirmou. Essa clientela, segundo ela, possui necessidades diversas, exigindo outros modelos de roupas. "Eles procuram peças mais grossas, sempre com mais camadas. Aqui em Brasília, as pessoas procuram tecidos mais finos, principalmente para se proteger da chuva e do vento", acrescenta.

O estoque da loja onde Rute, 26 anos, trabalha está preparado para o início da temporada mais fria. Ela conta que o patrão encheu um quarto da casa dele com as roupas mais quentes. "A gente tem moletom, casacos, calças e jaquetas. Estamos esperando um movimento muito grande."

Rute também comenta que os clientes costumam chegar certos de sua escolha. "Muitos chegam e perguntam diretamente por casacos e moletoms. Alguns, entretanto, ficam com dúvida por causa da quantidade de opções", disse. Entre os mais procurados, estão as jaquetas e os bobojacos — também conhecidos por puffer. "Esses modelos mais estilosos saem bastante. Muitos clientes unem o aquecimento com a beleza", acrescenta.

O especialista em empreendedorismo Rafic Júnior diz que investir em um grande estoque também pode ser um risco. "Para quem tem dados de sazonalidade, investir de forma segmentada em itens que já mostraram ter uma boa capacidade de giro faz sentido. Entretanto, para quem não tem esses dados, uma postura conservadora é essencial."

Pechincha

Tanto comerciantes quanto clientes procuram as melhores estratégias para esse período. Lojistas procuram maximizar os lucros, e a clientela tenta gastar o menor valor possível sem abrir mão do aquecimento. A servidora pública Gisele Ximenes, 40, sabe muito bem o que fazer para economizar nas compras. "Eu começo a procurar bem antes do inverno para evitar pagar caro", disse.

Entre as táticas para pagar mais barato, a escolha do lugar é essencial. "Eu prefiro ir à feira para procurar essas roupas. Como compro para mim, meu marido e filhos, o preço compensa e a qualidade não é tão inferior que as roupas do shopping", contou.

Outras pessoas, como a massoterapeuta Leonilda Costa, 57, preferem reter os gastos e continuar com as roupas que já têm. "Eu saio pouco de casa, e o frio não me afeta muito. Tenho algumas roupas que ainda aguentam o tranco do frio", afirmou. Apesar da postura econômica, Leonilda não fechou totalmente as portas para roupas novas. "Algumas vezes, como agora que vim à feira, acabo vendo algo que gosto e compro, mesmo já tendo em casa. Não tenho essa loucura de renovar todo o meu guarda-roupa", brincou.

Uma das estratégias apontadas por Rafic é a diversificação dentro do próprio setor. "Peças versáteis que funcionam em temperaturas amenas têm menor risco de encalhe", afirmou. Além disso, utilizar outras plataformas de vendas é essencial para atrair clientes de outras regiões. "Use canais alternativos como marketplace para alcançar regiões com frio mais intenso", acrescentou.

CRIME

Plano Piloto vira alvo de roubo de fios

» DARCIANNE DIOGO

Um homem com 12 passagens criminais foi preso pela Polícia Militar por furto de fios de cobre, em uma construção, na 710 Norte, área central de Brasília. A região concentra o maior número de ocorrências do tipo registradas entre janeiro e março de 2026, segundo a Neoenergia.

No momento da prisão, o homem carregava dois rolos de fiação que haviam sido retirados do local. Durante a abordagem, tentou fugir,

mas caiu e acabou rendido. Na 5ª Delegacia de Polícia (área central), a polícia constatou a extensa ficha criminal do autor, que vai desde o descumprimento de medidas protetivas à violação de domicílios.

Pelo menos de julho de 2024 a 14 de janeiro deste ano, o homem figurava como autor em seis ocorrências por furto consumado e tentado. Em três, os objetos subtraídos eram fios de telefonia, energia ou de transmissão. Há, ainda, registro por invasão de

domicílio no Lago Norte, difamação e porte de arma branca.

Prejuízo

O prejuízo à Neoenergia — empresa geradora de energia na capital — por furto de cabos chegou a R\$ 100 mil nos três primeiros meses de 2026. Foram registradas 386 ocorrências e tentativas de furtos. Do total, 241 estão no Plano Piloto (Asas Sul e Norte).

No ano passado, a Neoenergia contabilizou 1.108 ocorrências

entre furtos e tentativas, o equivalente a três casos por dia. As Asas Sul e Norte concentraram 602 registros, evidenciando a gravidade do problema. O montante perdido foi de R\$ 717,8 mil em um ano.

O furto de cabos de energia é questão de segurança pública. A Neoenergia informou que vem contribuindo com as ações de inteligência da Secretaria de Segurança Pública (SSP-DF). Reforçamos que o furto de cabos interfere diretamente na qualidade de energia,

Divulgação / PMDF



Polícia prende homem com 13 passagens criminais após novo furto

causando interrupção e oscilação para a população. Para a energia ser restabelecida, executamos serviço de alta complexidade. Ressaltamos

que fazemos rondas nas regiões mais afetadas para coibir esse tipo de crime", ressaltou Hudson Thiago, gerente da Neoenergia Brasília.

Obitório

Sepultamentos realizados em 30/04/2026

» Campo da Esperança

Conceição Teodolina Caetano, 84 anos
Flávio de Souza Santos, 77 anos
Hélio Rodrigues de Lima, 75 anos
Iragina Alves Ferreira, 73 anos
Irmgart Winter Gumpich, 90 anos
Luís Anibal Bonifácio Bonne, 59 anos
Marcos Antônio Maciel Uchôa, 77 anos

Maria de Jesus Teixeira Barbosa, 65 anos
Maria Marly Vale Pedrosa, 88 anos
Maria Rita Santos Barbosa, 84 anos
Paulo Wilson Peres, 77 anos

» Taguatinga

Diego Oliveira Penha, 43 anos
Helena da Mata Medeiros,

menos de 1 ano
Helena do Sacramento Silva, 88 anos
João Lúcio da Silva, 80 anos
Jorge Okamoto, 63 anos
José Antônio Moreira, 31 anos
Maria do Socorro Freitas, 79 anos
Maria Miracy Aquino Campos, 55 anos
Maria Vitória dos Santos, 8 anos
Ninita Maria dos Santos, 73 anos

Pedro Henrique Lima, 30 anos
Quintino das Virgens Ferreira, 84 anos
Samuel Junio Ferreira Queiroz, menos de 1 ano
Selma Claudiano da Silva Custódio, 59 anos
Silvana Aparecida Alves da Silva, 55 anos
Terezinha Elias do Nascimento, 93 anos

» Gama

Manoel Fernandes de Figueiredo, 82 anos
Martina Lins Vasconcelos, 86 anos
Vilma Cedrim Bezerra, 79 anos

» Planaltina

Cledson Ferreira Coutinho, 38 anos
Marinelza Rocha Osório, 82 anos
Tercília José Barbosa, 72 anos

» Sobradinho

Claudineide Amaro de Oliveira Luiz, 46 anos
Gonçalo Cipriano da Silva, 87 anos
Maria Inez Alves de Oliveira, 76 anos

» Jardim Metropolitano

Cleusa de Camargo, 93 anos (cremação)